



INFÂNCIAS NAS ÁGUAS: TEMPOS, ESPAÇOS E MEMÓRIAS DE CRIANÇAS RIBEIRINHAS NO SERTÃO DE ALAGOAS

CORREIA, Karem Silva Carvalho ¹
CHAGAS, Alexsandra Alves das ²
MACEDO, Maria do Socorro Barbosa ³

Grupo de Trabalho (GT): Infâncias, Juventudes e Processos Educativos

RESUMO

O estudo objetiva compreender as possibilidades e os modos de ser criança e de viver suas infâncias no espaço-tempo das relações culturais ribeirinhas. Parte-se da seguinte problematização: que experiências infantis são tecidas nos espaço-tempo das lagoas do Rio São Francisco no sertão de Alagoas e que memórias coletivas são construídas pelos sujeitos infantis, durante o plantio e colheita de arroz? Na tentativa de “responder” a indagação e alcançar o objetivo delineado, nos apoiamos nos pressupostos da pesquisa qualitativa, dando ênfase aos encontros, compreendendo-os como uma experiência de aprendizagem recíproca dos sujeitos. Desse modo, focamos nas narrativas das crianças, adultos e idosos, que foram por meio da entrevista compreensiva, de base etnográfica, sujeitos da escuta. Na sequência, os achados foram organizados, categorizados e analisados com base nas narrativas e ancorados nos fundamentos das Ciências humanas e sociais, em relevo, os estudos da Antropologia da criança. Com isso, espera-se produzir conhecimentos sobre os modos de ser criança e viver as infâncias no território ribeirinho, destacando os momentos da produção de arroz, os saberes, a memória coletiva e a oralidade, posta em circulação.

Palavras-chave: Infâncias Ribeirinhas. Memórias coletiva. Culturas infantis.

INTRODUÇÃO

O estudo tem por finalidade problematizar os modos de ser criança e viver sua(s) infância(s) no contexto ribeirinho do sertão de Alagoas. Considerando, pois, suas singularidades bem como os atravessamentos étnico-raciais pelos quais são, certamente, afetadas. Desse modo, pensamos numa infância atemporal, presente nas lembranças, que encadeiam e enovelam o passado-presente. Ou seja, lembrar é um exercício de rememoração no presente, carregado de saudades e feito a partir da imediatez da contemplação dos fatos. A partir dessa perspectiva, intencionamos pensar acerca da infância de ontem e de hoje, que emerge no cotidiano dos sujeitos em diferentes oportunidades de fala-narração. Por isso, defende-se a necessidade da criação de um

¹Graduada em Pedagogia, Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), *Campus II*. E-mail: karem_carvalho@hotmail.com

²Graduanda do Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), *Campus II*. E-mail: alexandra.chagas.2021@alunos.uneal.edu.br

³Doutora em Educação. É professora Adjunta, com Dedicção Exclusiva, atuando como docente do Curso de Pedagogia da UNEAL - *Campus II*. E-mail: socorro.macedo@uneal.edu.br





espaço-escutador, no sentido de potencializar as memórias, que se revestem de muitos tempos e de múltiplas imagens. Para esse propósito é preciso ter em mente que “[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 15).

Essa compreensão nos possibilita refletir, que enquanto narramos, tecemos o fio da memória e (re)organizamos as percepções que temos no/do presente. Por conseguinte, nossa intenção é revolver essas alembanças das infâncias vividas às margens das lagoas do Rio São Francisco, implicadas na sobrevivência, especificamente nas colheitas do arroz e em outras atividades culturais no/do Povoado Santiago, município de Pão de Açúcar, Alagoas. Entendemos, portanto, que estudar a infância é pensá-la em um contexto em trânsito, imersa em uma teia social que urde o próprio sentido e a singularidade do que é ser criança nos espaços sertanejos, margeados pelas águas. É, portanto, uma infância nas águas, que vive em movimento, criando e reinventando os espaços-brincantes, e que além disso, constroem relações humanas assentadas em ritos de cooperação e solidariedade para com os mais velhos, com os sujeitos que partilham lugares-comuns.

Nesse sentido, Simas; Rufino (2019, p 46), afirmam que “ser brincante, estar para o mundo via jogo, via embolada dos sentidos nunca se acabam e se transformam em versos infinitos”, são sentidos revestidos com outras tonalidades, levando em conta as porosidades do tempo, que deixa, necessariamente, marcas que redizem os modos como foram costuradas as humanidades infantis. Os autores nos alertam ainda, para o fato do desencantamento do mundo, muitas vezes, provocado pelo fato de não sabermos mais brincar, pois é muito forte os resquícios do “modelo de pensamento que fixa em pretensões totalizadoras sobre sentir o mundo”. Dessa forma, acreditamos que ao pararmos para ouvir, por meio de um olhar atento, aguçado e implicado, conseguiremos “ouvir o segredo das pedrinhas”, e deixaremos de ser “estrangeiros no nosso próprio corpo” (SIMAS, RUFINO, 2019, p. 46).

OBJETIVOS





Compreender as possibilidades e os modos de ser criança e suas infâncias, no espaço-tempo das relações culturais ribeirinhas e seus desdobramentos na memória coletiva.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta acepção, os estudos ao tecerem considerações acerca da presença das crianças nos distintos tempos e espaços, concomitantemente, apontam a emergência de um sistemático investimento da sociedade e das famílias, na construção de um sentimento-infância, a partir da chamada modernidade. Por conseguinte, estudiosos do campo da Sociologia da infância têm afirmado que a infância enquanto categoria social, é uma ideia da sociedade moderna/burguesa (Sarmiento, 1997; 2002).

Para os estudos vinculados às crianças e suas infâncias, o que se conformava como elemento perene dessa dinâmica social, dá lugar à formulações teóricas de base empírico-social, que começa a perder força a partir do final da década de 1960, trazendo uma revisão das ciências humanas e sociais. Nelas, as possibilidades para instauração de um diálogo multidisciplinar em torno da vida social e simbólica das crianças, o que torna, a partir da 1970, a presença das crianças de maneira participativa nos estudos, insurgindo a criança como sujeito sociocultural, ativa e com agência.

Desse modo é imperativo que compreendamos quais dispositivos foram acionados para que as memórias de uma infância, atravessada pelo tempo, pela corporeidade e pelos diferentes arranjos culturais/simbólicos, mesmo sofrendo tantos interditos, venham assumindo uma posição de vanguarda na reconfiguração e reconstrução de diferentes territorialidades.

Corroborando com o entendimento de Meyer (2012, p. 52), no qual a “cultura entendida como o conjunto dos processos com e por meio dos quais se produz um certo consenso acerca do mundo em que se vive”. Neste sentido, assumimos uma posição epistemológica que toma a criança como protagonista, sujeito de direitos e produtora de culturas infantis. Esses elementos nos ajudam a sustentar a importância da participação delas nos contextos sociais nos quais estão operados seus modos de pensar e agir sobre o mundo. Dornelles e Filho (2018, p.8) nos lembra que [...] “elas precisam ser ouvidas [...]





Quando a palavra das crianças passa a ser prioritária na relação, abrimos possibilidades para conhecermos os sentidos e significados que atribuem às suas experiências sociais e culturais”.

Assim sendo, torna-se premente a discussão em torno das culturas infantis, pois é a partir desse olhar de pesquisadores(as), que podem ser delineados diferentes saberes e práticas inerentes a distintos agrupamentos sociais (neles a presença-criança), nos possibilitando estar no mundo com o modo criancieiro que habita esses/aqueles lugares, construído resistências em torno da visibilidade e reconhecimento das tramas sociais vivenciadas em múltiplos espaços brincantes. Pois, as consideramos como elementos fundantes à formação da identidade cultural da criança. Ao trazer essa noção de corpo social, estamos considerando que há um distanciamento entre as categorias adulta e infância, limitando os trânsitos de mundos e produzindo relações assimétricas, o que historicamente tem consubstanciado a posição verticalizada de poder produzida pelos valores adultocêntricos, que empurram as crianças para um lugar de subalternidade e submissão.

De nosso lugar de pesquisadores(as) vislumbramos desenvolver uma pesquisa sobre e com as crianças ribeirinhas, com o intuito de compreender as vivências cotidianas às margens do Rio São Francisco e das lagoas que se firmam na paisagem do povoado Santiago em Pão de Açúcar- AL.

É importante indagar quais enunciados são tecidos nas pesquisas com e sobre as crianças, sobretudo aquelas que vivem “no balanço das águas”. Que lugar ocupam e como narram sua existência? Cohn (2010, p. 8) alerta que é preciso romper com imagens pré-concebidas e buscar compreender o que há nessas realidades, em vez do que esperamos encontrar. Assim, caminhar com as crianças de Santiago exigiu assumir um olhar transgressor, rompendo com processos de naturalização das infâncias e abrindo espaço de escuta para que múltiplas narrativas revelassem suas histórias em diferentes tempos.

Pesquisar com crianças implica uma decisão política diante da cidadania que cada sujeito, em sua singularidade, constrói. Ao trazer a infância de Santiago, evocamos sentidos que revelam vínculos com a ancestralidade, valores marcados pelo tempo e práticas intergeracionais expressas nas brincadeiras. Entre ribeirinhos, as experiências corporais — jogos, mergulhos, pesca e brincadeiras — fundem ambiente natural e cultura,





compreendida como campo de conhecimento da criança em sua condição histórica, política e social (A, 2014). Esses saberes emergem pela linguagem verbal e não verbal (Friedmann, 2013). No cotidiano, afloram valores identitários que não se limitam ao território, mas se definem por particularidades próprias em relação a outros grupos. É isso que fortalece o estudo, pois, como lembra Kramer (2011, p. 117), aprender com as crianças ajuda a compreender o valor da imaginação e de um olhar crítico que subverte ordens e sentidos estabelecidos.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

Os traçados metodológicos dessa pesquisa, foram mediados por múltiplos caminhos da pesquisa qualitativa e considerando as singularidades que envolvem o objeto de estudo. Nesse sentido, concordamos com Paraíso e Meyer (2012, p. 16-17), quando dizem que:

[...] construímos nossos modos de pesquisar movimentando-nos de várias maneiras: de lá para cá, de um lado para outro, dos lados para o centro, fazendo contornos, curvas, afastando-nos e nos aproximando [...] Movimentamo-nos para impedir a 'paralisia' das informações que produzimos e que precisamos descrever e analisar.

Nesta perspectiva, no movimento espiral da investigação, damos especial atenção as práticas, as brincadeiras, os diálogos, bem como a tessitura das relações estabelecidas entre e com os infantis, no sentido de compreender os deslocamentos identitários, e crianceiros que pululam na cotidianidade, nas ações culturais e de sobrevivência dos sujeitos do povoado Santiago, contexto no qual a pesquisa se encontra em desenvolvimento.

Para dar conta das questões alçadas e do objetivo proposto, lançamos mão de instrumentos de pesquisa, como: entrevistas compreensivas, que se constituem enquanto:

[...] uma técnica qualitativa de recolha de dados que articula formas tradicionais de entrevista semidireta a com técnicas de entrevista de natureza mais etnográfica. Isto na medida em que a entrevista compreensiva é o culminar técnico e epistemológico do processo de criativização a que o uso das técnicas de entrevista tem sido recentemente sujeito na pesquisa social (Ferreira, s/d, p. 1, grifo nosso)

Nesse sentido, essas entrevistas foram realizadas de modo individual e coletivo com as crianças e os adultos, considerando nossa intenção de compreender as tessituras das relações que se estabelecem entre estes sujeitos no cotidiano do lugar, em diferentes





espaço e tempos. Considerando a especificidade dos sujeitos, tentamos não engessar as formas de produção dos dados, mas construí-los a partir dos encontros, procedimento este delineado por nós quando da construção da tese de doutoramento (Macedo, 2021), e que entendemos como um importante recurso para desencadear o enleio entre sujeito-pesquisador e sujeito-criança-adulto. Assim, no processo de desenvolvimento da pesquisa, em conversas descontraídas, em explicações pelas próprias crianças de seus modos de brincar, de elaborar hipóteses, elencar dúvidas, já nos mostra a potências de suas narrativas. Também são objeto desse modo de viver a pesquisa com as crianças, as fotografias produzidas com elas durante as andanças pelo rio-sertão, bem como a produção de desenhos, mapas que ainda vão ser realizados e outros artefatos que emergem como potentes/ mobilizadores ao encontro com as crianças.

Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos (criança, adultos e idosos) todos os cuidados éticos foram tomados.

RESULTADOS

Os resultados parciais obtidos durante os encontros demonstram que as vozes das crianças ribeirinhas manifestam saberes e opiniões, interesses e curiosidades que se entrelaçam as vozes dos adultos e idosos da comunidade, que narram um passado/presente constituidor de uma efetiva relação com as águas e os modos que fiam a sua memória em torno da luta pela sobrevivência. As crianças participam ativamente do processo de circulação dos saberes por meio da tradição oral, constituído um outro repertório acerca de um rio degradado, que os impossibilita de viver plenamente, pois até os peixes, símbolo de alimento à vida passam ser inimigos dos corpos brincantes ao impossibilita-los de viver com/sobre as águas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se produzir conhecimentos sobre os modos ser crianças e viver suas infâncias no sertão de Alagoas, particularmente nas lagoas do Rio São Francisco, no Município de Pão de Açúcar. Os achados serão divulgados em espaços concernentes aos





estudos das infâncias, eventos científicos que apresentem discussões sobre o objeto em tela, bem como em revistas especializadas Qualis/Capes. Além disso, esperamos que o grupo de pesquisa na Uneal- Campus II, produza modos sensíveis de trazer aos estudos da infância outros sujeitos e outras infâncias.

REFERÊNCIAS

ALVES, Laura Maria Silva Araújo. A constituição do discurso narrativo polifônico da criança: traços da mitopoética amazônica. In: ALVES, Laura Maria Silva Araújo (Org.). Educação infantil e estudos da infância na Amazônia. Belém: EDUFPA, 2007. p.133-167.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DORNELLES, Leni Vieira; FILHO, Altino José Martins(ORGs) Lugar da criança na escola e na família: participação e protagonismo infantil. Porto Alegre: Mediação 2018.

_____. Bujes, Maria Isabel. Educação e Infância na era da informação. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e Manhas da entrevista compreensiva. s/d.

FRIEDMANN, Adriana. Linguagens e culturas infantis. São Paulo: Cortez, 2013.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri;

KRAMER, Sonia. Infância, educação e direitos humanos. 4. ed. São Paulo, Cortez, 2011. p. 93 -151

JAMES, Alison;PROUT, Alan(eds) Constructing and reconstructing childhood; contemporary issues in the sociological study of childhood. London: The Falmer Press, 1990.

LOPES, Adrea Simone Canto. A construção da identidade da infância na Amazônia Ribeirinha: Ilha de Cotijuba Belém – Pará. 212 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

MACEDO, Maria do Socorro Barbosa. “Vamos cair no mundo”: pelejas crianceiras no sertão quilombola do Alto do Tamanduá – AL. 182 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

PARAÍSO, Marlucy Alves; MEYE, Dagmar Estermann (org.). Metodologias de Pesquisas Pós críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

SARMENTO, M.J.; BANDEIRA, A.; DORES, R. Trabalho e lazer no cotidiano das crianças





exploradas. In: GARCIA, R.L.G. (Org.). Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. Flecha no tempo. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

